

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA
18 e 20 de junho de 2022

THE DAY THE EARTH STOOD STILL / 1951

(No Dia em que a Terra Parou)

um filme de Robert Wise

Realização: Robert Wise / **Argumento:** Edmund H. North, segundo uma história de Harry Bates / **Fotografia:** Leo Tover / **Cenários:** Thomas Little e Claude Carpenter / **Música:** Bernard Herrmann / **Intérpretes:** Michael Rennie (Klaatu), Patricia Neal (Heleen), Hugh Marlowe (Tom), Sam Jaffe (Dr. Bernhardt), Billy Gray (Bobby), Francis Bavier, Carleton Young, Fay Roop.

Produção: 20th Century Fox / **Produtor:** Julian Balustein / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendado em espanhol e electronicamente em português, 92 minutos / **Estreia em Portugal:** Politeama, em 14 de Maio de 1953.

A sessão de dia 18 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Se abrimos mão das fotografias de Marilyn nua ou das contorções de "Elvis the Pelvis", os anos 50 americanos não têm um imaginário lá muito orgulhoso. O mal-estar, nos "fifties", chegou a ser tão grande que mesmo os anos 30 – a década da Grande Depressão – eram lembrados com nostalgia. No tema e no estilo, **The Day the Earth Stood Still** torna inequívocas as razões de tão grande abatimento.

Em 1950, num comício do Partido Republicano, o senador McCarthy anunciou ter em seu poder uma lista de 200 nomes de membros do Departamento de Estado inscritos no Partido Comunista Americano. Ainda que a lista tenha rapidamente encolhido para 81 nomes, ainda que, de membros do PCA, os "acusados" se transformassem em "risco para a segurança do Estado", ainda quando ficou claro que o Senador pusera em marcha uma fraude monumental, o certo, porém, é que a histeria grassava e a caça às bruxas avassalou durante quatro anos a América, sem poupar sequer Hollywood.

A semente fora, aliás, lançada em bom terreno. As relações entre russos e americanos iam de mal a pior, vindo por via disso a acontecer a escalada da Guerra Fria, cuja consequência lógica na cabeça do americano médio era a invasão iminente dos comunistas. A probabilidade era tanto mais verosímil quanto o adversário – os russos – possuía agora a temível "Bomba". Para além do que fosse "fantasmas" de americano, não há dúvidas sobre uma coisa: nos "fifties", a possibilidade do conflito nuclear tornou-se tangível. Se McCarthy não era flor que se cheirasse, o perfume soviético não era melhor.

A estas condições "locais" juntou-se, naquela década, uma certa ressonância cósmica propiciada pela vaga de visões de "unidentified flying objects" e "flying saucers", tão frequentes que a própria Força Aérea dos EUA criaria um departamento especializado para tratar do problema e preparar a "recepção" ao esperado e temido "homem de Marte".

A histeria americana dos "fifties" só pode ser convenientemente entendida quando se veja como

todos estes problemas faziam um para o americano médio: "homem de Marte", russos e a Bomba, eram uma e a mesma imagem. Nesse estado de espírito se detém o poder de observação e a sátira suave do Robert Wise de **The Day the Earth**. De tal modo assim era que o crítico, e também cineasta, francês Pierre Kast, na sua crítica nos "Cahiers" não se eximiu a dizer que "Este filme é um longo e secreto grito de angústia, a expressão de uma horrível vertigem". Mais adiantava que, pela primeira vez, se chegara a um filme de "fc" adulto, contrariamente ao que incursões anteriores – **Destination Moon** e **The Thing** – haviam realizado.

Vamos por partes. O filme de Wise aborda um sério problema humano – e por isso o terão considerado adulto – relacionando-o com a eventualidade de uma civilização extra-terrestre superior, cujo exemplo e persuasão re-introduzissem no nosso planeta o "equilíbrio" perdido. Neste passo o filme de Wise é prosaico. Onde, sem deixar de ser adulto, ele me parece brilhante é na exposição do sub-consciente da América do princípio da década: repare-se na convicção com que o americano médio associa o Bem com o seu país, repare-se na fundamental intervenção dos media, diapasão da histeria colectiva (santo Deus, o que faria hoje Wise com as redes sociais?!), repare-se por fim na vocação interventora do exército americano, que a década iria confirmar amplamente. Wise, como aliás já o fizera em **The Set-Up**, é de um realismo impressionante, antecipando muita coisa que subterraneamente se espalhava já, sem no entanto nunca redundar no panfletarismo (o mesmo já não se podendo dizer no que de "fc" o seu filme tem).

Não posso comparar **The Day the Earth** senão com **The Thing** (não conheço o **Destination Moon** de Pichel), e nesse caso devo também discordar da subvalorização do filme de Hawks que, na minha soberbamente falível opinião, reputo superior ao de Wise. Para essa superioridade contribuem uma concentração no espaço e uma tensão dramática que **The Day the Earth Stood Still** só alcança nos seus melhores momentos.

Voltando à crítica de Kast nos "Cahiers du Cinéma", lembra ele, e certamente, que depois da discussão, típica dos "forties", sobre as vantagens da montagem rápida ou as vantagens da profundidade de campo, designações técnicas que subentendiam estéticas diferentes e antagónicas, Robert Wise e este filme provam como um bom montador e um bom operador são necessários à eficácia de um filme, resolvendo-se **The Day the Earth Stood Still** pela síntese de uma montagem rápida e agressiva com os planos longos e complexos. "Basta, dizia Kast, que o processo formal empregue esteja em situação".

Wise revela-se mestre sobretudo na criação da atmosfera de mistério que envolve os três momentos-chaves do filme. O primeiro é o da fabulosa entrada de Klaatu em casa de Helen (Patricia Neal), surgindo em contra-luz nas costas da "família" reunida à volta do televisor. "Homem de Marte", "agente de potência estrangeira", de repente tudo se torna plausível, tão espessas são as sombras e tão "horror B-movie" é o perfil do "alien".

O segundo é o da saída nocturna de Klaatu, seguido pelo pequeno Bobby. Wise traça a sequência num espaço amplo, é verdade, mas as garras do mistério surgem dos ângulos escolhidos e das sombras habilmente distribuídas, de tal forma que o sentimento de identificação do espectador com o extra-terrestre não pode deixar de sofrer, ao menos por instantes, um forte safanão.

Há finalmente, a perseguição do exército a Klaatu, para a qual Robert Wise se inspira no modelo do filme de "gangsters". O que é sintomático – e porventura contrariando a filosofia de "senso-comum" expressa na mensagem do filme – é que Wise tenha escolhido para os momentos capitais uma inspiração tão nocturna e tao inquietante... Como se Robert Wise, mais do que apaziguar tensões e esclarecer os seus conterrâneos, quisesse projectar os medos ao grau mais elevado. Só assim se compreende que Kast veja no estilo e "maldade" de Wise, neste filme, um pouco da cólera que fez noutro tempo e noutra arte a glória do genial e controverso Jonathan Swift.

Manuel S. Fonseca